

## SEXUALIDADES ENLAÇADAS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ESTUDANTES EM CENA

Ana Lúcia Gomes da Silva; Fernando Macedo da Silva; Lucemberg Oliveira; Ana Margarete  
Gomes da Silva, Marleide Medeiros.

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB DCH IV) - analucias12@gmail.com; fernandomacedo4@outlook.com  
lucembergdo@hotmail.com; anamag\_@hotmail.com ; marleimedeiros@yahoo.com.br*

### Resumo:

Este artigo é resultado da pesquisa a qual toma as sexualidades e sua manifestação na escola como um dos elementos inerente à prática pedagógica do/a professor/a. Neste sentido, nosso objetivo principal é investigar como os/a alunos/a compreendem à diversidade sexual nesse espaço permeado por tantos aspectos plurais, vivências e intolerâncias. Para a concretização do estudo investigativo, foram co-participantes do processo os alunos do terceiro ano (3º) do Ensino Médio de uma instituição pública da rede estadual de educação no município de Jacobina-BA. Como dispositivo de construção de dados optamos pela realização de questionário dos quais num quantitativo de 149 alunos, 126 responderam. Mediante triangulação desses dados, foi possível verificar que ainda há a presença da abordagem do livro didático enfocando apenas o caráter biológico e reprodutivo da sexualidade, revelados também nas temáticas apontadas como importantes para o estudo da sexualidade, tais como: prevenção e tratamento das DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e Gravidez na adolescência. Além disso, estas apareceram como temas de maior relevância; todavia, verificou-se também por outro lado, um deslocamento dessa abordagem quando tais temas aparecem seguidos da violência de gênero, sexual e aborto. Nossa pesquisa se ancora principalmente nos estudos de Furlani (2016), Toneli (2012), Brasil (1997), Louro (2007), por entendermos que estes/as autores/as nos apresentam subsídios para construção de um debate consistente no tocante à desconstrução desse currículo colonizador e homogeneizador que ainda silencia e invisibiliza a identidade e a diferença no que diz respeito aos aspectos apresentados pelo multiculturalismo crítico sobre a diversidade na escola.

**Palavras-chave:** Educação Sexual, Diversidade, Ensino Médio, Prática Pedagógica.

### INTRODUÇÃO:

A diversidade é tema atualmente bastante focado em todos os meios e esferas sociais. De todos os lados, de todas as formas e a todo o momento existe algo sendo dito sobre diversidade. Quando realizamos um recorte da diversidade, cuja ênfase é a diversidade sexual, compreendemos esta, ainda como tema carregado de tabus, preconceitos e ideias equivocadas ligadas ao senso comum. A escola como instituição formal dos sujeitos, visando uma escolarização cidadã, integral e integrada, tem papel fundamental na contribuição da desconstrução dos preconceitos ligados à

diversidade sexual, entendendo que o ambiente escolar é onde crianças e adolescentes passam mais tempo, e onde sua sexualidade se aflora nesse período, pois como bem afirmam os PCN (1999, p.292) a escola intervém de várias formas, embora nem sempre tenha consciência disso e nem sempre acolha as questões dos adolescentes e jovens em suas constantes demandas, expectativas e sonhos.

Pensando nesta problemática das questões de diversidade x ambiente escolar é que este artigo foi gestado pelos autores/as que com suas experiências, estudos e pesquisas realizadas tecem polifonicamente o tema, com olhares múltiplos e concepções que dialogam de modo plural, haja vista que as experiências gestadas pelos/as autores/as na educação básica, e na universidade, na convivência com jovens e adolescentes, no cotidiano escolar nos permite tensionar e contribuir para um tema que ainda é interdito no espaço escolar, mascarado e pouco debatido.

Vale ressaltar que o cenário baiano é marcado pelos desafios educacionais cujas possibilidades pelas quais lutamos e acreditamos é a de ascensão cognitiva e social dos sujeitos das classes populares da Bahia, espalhados pelos 417 municípios baianos, dando centralidade a uma formação que não desvincule a pluralidade sociocultural dos sujeitos, suas diversidades socioeducativas, sua cor/raça, gênero, sexualidade, classe social e geracional, que marcam os sujeitos sócio históricos concretos, de modo a pautar seus direitos e valores e refletirmos as implicações dessa posição assumida explicitamente na política pública da Secretaria de Educação do estado da Bahia (SEC-BA) em seu portal institucional<sup>1</sup>.

A pesquisa em tela foi realizada com estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual da cidade de Jacobina-BA e com docentes, mas neste artigo enfocaremos os resultados com os estudantes. Como nos mostra Margareth Rago, (2007), estamos buscando “outras linguagens, abertas, descentralizadas, femininas, corporais, afetivas, que, na sua diferença, permitam questionar, e nos libertar dos procedimentos masculinos, eurocêtricos, “normais”, arrogantes e onipotentes operantes em nosso mundo”. (RAGO, 2007, p.488). A escola e sua função social repensada e tensionada pelos sujeitos que dela participam e constroem coletivamente e cotidianamente, é a questão que nos move, a fim de contribuirmos para uma educação verdadeiramente cidadã.

Este artigo busca, portanto, apresentar as contribuições dos estudantes acerca do tema e como estes compreendem o trato dispensado à diversidade sexual na escola, por meio de escala

---

<sup>1</sup> Consultar [www.educacao.ba.gov.br](http://www.educacao.ba.gov.br). Modalidade de ensino - Ensino Médio.

valorativa dos temas que os mesmos julgam como sendo importante ou não, serem abordados para desta forma nortearmos a realização de dois Ateliês de pesquisa<sup>2</sup> a serem realizados com os alunos da escola pesquisada.

## **O PERCURSO INVESTIGATIVO: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

Esta pesquisa de abordagem qualitativa está ancorada no paradigma da pós-modernidade o qual, conforme Creswell (2014) “deve ser definido no contexto das condições do mundo hoje, e nas múltiplas perspectivas de classe, raça, gênero e outras filiações”. Dito de outro modo, estamos buscando trabalhar com as questões sobre diversidade sexual, mas, sem deixar de pensar nas interseccionalidades, pois não é possível pensar este objeto somente de caráter isolado, haja vista que segundo Kimberlé Crenshaw, (2002), o conceito de interseccionalidade afirma a coexistência de diferentes fatores, vulnerabilidades, violências, discriminações, também chamados de eixos de subordinação que acontecem de forma simultânea na vida das pessoas.

A interseccionalidade, segundo Kimberlé (2002, p.117): “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, grupos étnico-raciais, classes socioeconômicas e outras”. Estes movimentos e categorias devem ser percebidos como criadores de fluxos, acordos, tensões e contrastes permanentemente tensionados no campo da educação. Se isolarmos qualquer categoria explicativa de um contexto mais amplo, sua própria força motriz é abortada, apagada. “Gênero”, “classe social”, “raça”, “sexualidade” e “geração” são categorias analíticas e se as considerarmos isoladamente, restarão esvaziadas politicamente, dicotomizadas, impeditivas de um atuar de modo interseccionalizado, não linear no cotidiano da escola e, conseqüentemente, no campo educacional.

Logo, conforme Torres (2010) as temáticas que tratam da diversidade de orientação sexual e das identidades de gênero, que podemos entender como “diversidade sexual”, tem estado de forma corrente, presentes na pauta das políticas educacionais brasileiras. Nessa perspectiva, a escola, como

---

<sup>2</sup> Nossa concepção de Ateliê de pesquisa se alicerça na compreensão de um espaço formativo em que se tece coletivamente, portanto, colaborativamente. É o lugar como espaço-tempo formativo e auto formativo, cujo trabalho será produzido por pessoas/profissionais com vontade de criar e, onde se pode experimentar, manipular e produzir produtos resultantes da pesquisa como princípio educativo, cognitivo, formativo, colaborativo e de reflexão/avaliação constante sobre a prática pedagógica. Para aprofundamento consultar nas referências a indicação do texto completo.

instituição formadora para o exercício da cidadania assume um papel preponderante para a transformação social dos/as estudantes em todos os níveis e modalidades de ensino. No entanto, diversas pesquisas e estudos acadêmicos com o tema diversidade e suas categorias, tais como: gênero, sexualidades, identidade de gênero, travestis etc, têm apontado a escola como um ambiente de intolerância e violência dirigida às pessoas que não se adequa à heteronormatividade e se reconhecem como lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, dentre outros, conforme pesquisas realizadas e sucintamente apresentadas no quadro 01 a seguir:

**Quadro 1:**

<b>TERMO PESQUISADO</b>	<b>NÚMEROS DE RESPOSTAS</b>	<b>NÚMEROS DE RESPOSTAS – filtro área de conhecimento educação.</b>
<b>NOME SOCIAL</b>	<b>140163</b>	<b>2 . 536</b>
<b>DIVERSIDADE SEXUAL</b>	<b>43021</b>	<b>535</b>
<b>IDENTIDADE DE GÊNERO</b>	<b>900693</b>	<b>6.940</b>
<b>TRAVESTIS</b>	<b>301</b>	<b>8</b>
<b>TRAVESTILIDADE</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
<b>EVASÃO ESCOLAR</b>	<b>35069</b>	<b>2.375</b>
<b>NOME SOCIAL/ DIVERSIDADE SEXUAL/ IDENTIDADE DE GÊNERO/ TRAVESTIS/EVASÃO ESCOLAR</b>	<b>900722</b>	<b>69. 40</b>

Fonte: Adaptado do banco de tese da Capes, 2016.

Podemos detectar com a revisão sistemática, realizada uma série de material que tem sido produzido por pesquisadores de todo o país. O que nos chama atenção é o fato de descobrir que se buscarmos individualmente pelos descritores citados, percebeu-se que o descritor *travesti* é apontado 301(trezentas e uma vezes), sendo que quando o localizamos dentro do vasto mundo da educação o mesmo não chega a figurar em uma dezena de trabalhos, conforme aponta a coluna 3 (três).

Constatamos ainda neste contexto em que a diversidade é debatida, a fragilidade de muitos profissionais de educação para a abordagem educativa sobre sexualidades no espaço escolar e, por muitas vezes, a escola apresenta-se como espaço de produção e reprodução da homofobia, por não saber lidar com a diversidade de gênero, embora exista um esforço significativo que precisa ser reconhecido, de muitos professores/as em relação a uma abordagem crítica dessas temáticas na escola, em contraposição a essa onda malévola de reacionarismo de escola sem partido e/ou tentativa de retirada dessas temáticas do Plano Nacional de Educação - PNE, seguido do Plano Estadual e Municipal de Educação.

Conforme assevera Torres:

Na escola, por meio de formas explícitas ou pelo currículo oculto, o preconceito contribui para a inferiorização individual. A atenção a situações cotidianas possibilita uma análise crítica do mito da liberalidade dos brasileiros em relação à sexualidade e mostra as dificuldades para pôr em diálogo os contextos formais e não formais de educação (por exemplo, ONG LGBT), o que poderia resultar em avanços na construção de uma escola menos preconceituosa (2010, p.6 -7).

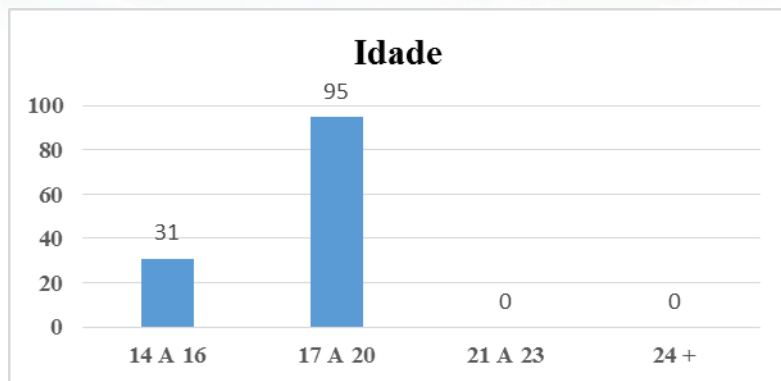
Diante dessa problemática, o convite desafiador a todos/as educadores/as é que em nossas escolas possamos incitar o debate e realizarmos no espaço escolar reflexões que contemplem às demandas contemporâneas e saiamos desse lugar do discurso descontextualizado e generalizante, buscando uma visão interseccional, revisitando e confrontando os conceitos de gênero, sexualidade, raça, classe, dentre outros.

Nesse sentido para compreendermos como realizar na escola um trabalho sobre as sexualidades partindo das demandas dos estudantes, iniciamos na imersão em campo para a construção dos dados, a utilização do questionário como dispositivo de pesquisa. Os referidos questionários foram compostos por seis questões, das quais 5 (cinco) referiam-se ao perfil dos alunos e 1 (uma) a escala valorativa na qual os/a alunos/a atribuíram valor de 1 a 5 às questões elencadas como tendo maior ou menor importância no trato das questões sexuais. Sendo 1 menor relevância e 5 maior relevância.

Foram respondidos 126 questionários de um quantitativo de 149 estudantes matriculados no 3<sup>a</sup> ano do EM. A escolha deste dispositivo metodológico deve-se ao fato da necessidade do levantamento e categorização desses dados para o projeto mais amplo intitulado “Educação Sexual na Educação Básica: formação em exercício”, e também como subsídio à realização do Ateliê de pesquisa a ser realizado com os estudantes.

Podemos observar no gráfico 01 que a grande maioria dos estudantes possui idade entre os 17 e 20 anos, o que já revela um atraso quanto a última etapa da educação básica, portanto ao tratarmos das sexualidades devemos atentar para os diferentes interesses e expectativas, já que temos jovens de 17 e adultos de 20 anos. O início da idade adulta começa por volta dos vinte anos e a maioria dos teóricos, cada um com sua visão, chegam a mais ou menos a mesma conclusão: os adultos buscam satisfazer dois impulsos inatos, que são o amor e a realização de algo por si mesmo. Daí a realização de um planejamento flexível e atento às diferentes demandas emergentes.

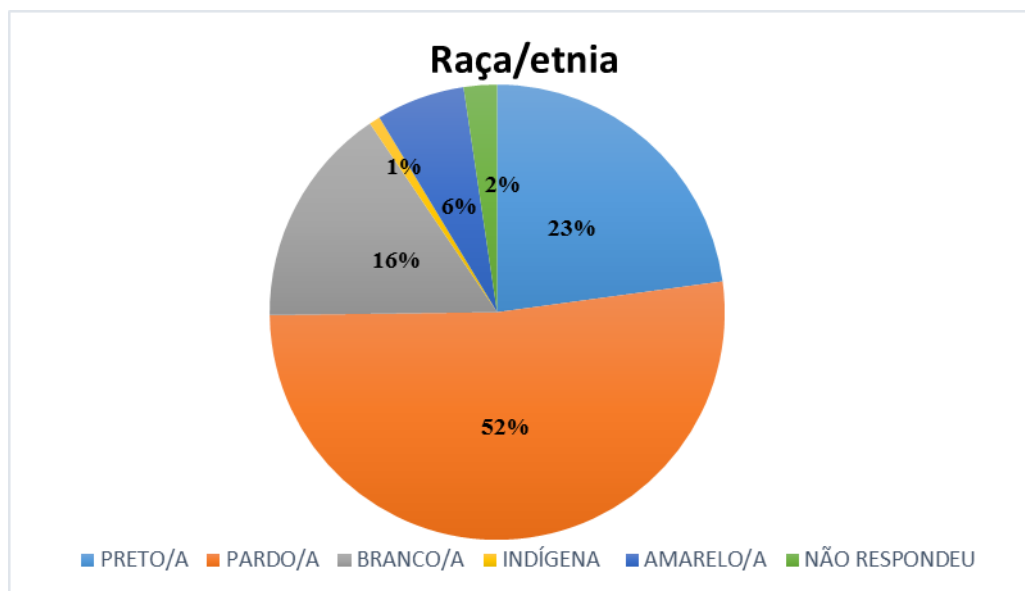
Gráfico 1- Faixa etária dos estudantes



Fonte: Elaboração própria

Quando se trata de raça e etnia 52% dos estudantes se declararam como sendo pardos seguidos de 23% que se declaram pretos, 16% que se declaram brancos, 6% que se declaram como amarelos e outras etnias e não respondidos representam 3%. Este dado é significativo para dialogar com as questões de sexualidade, apresentando o diálogo interseccionalizado, pois temos a maioria declarada de estudantes, pardos, seguidos de negro, o que significa que o planejamento das aulas precisam considerar estes dados para o debate e a formação de cada um deles/as como sujeitos que com suas diferenças e singularidades, produzem subjetividades. Este mesmo dado de raça/etnia parda e negra representa o quantitativo do quadro docente da escola.

Gráfico 2 – Raça/etnia dos estudantes.



Fonte: Elaboração própria

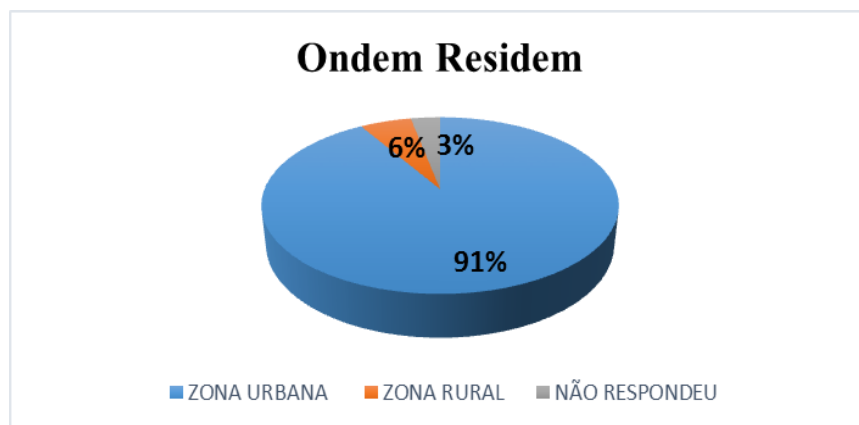


Em relação ao tempo que os estudantes frequentam a instituição encontramos no gráfico 3, a seguir, os seguintes resultados: 89% estudam no Colégio de 1 a 3 anos, 4% estão frequentando o Colégio pela primeira vez e 7% frequentam o Colégio a mais de 3 anos. Há aqui um dado significativo de vínculo dos estudantes com a instituição, o que é favorável no sentido de relacionamento entre docentes, colegas, gestores, de modo a melhor afinidade e abertura dialógica, sobretudo, quanto a temas considerados polêmicos, com mitos e tabu, sobretudo, ao tratarmos de educação sexual na educação básica.

Gráfico 3- Tempo na instituição escolar.



Gráfico 4 – Residência dos estudantes



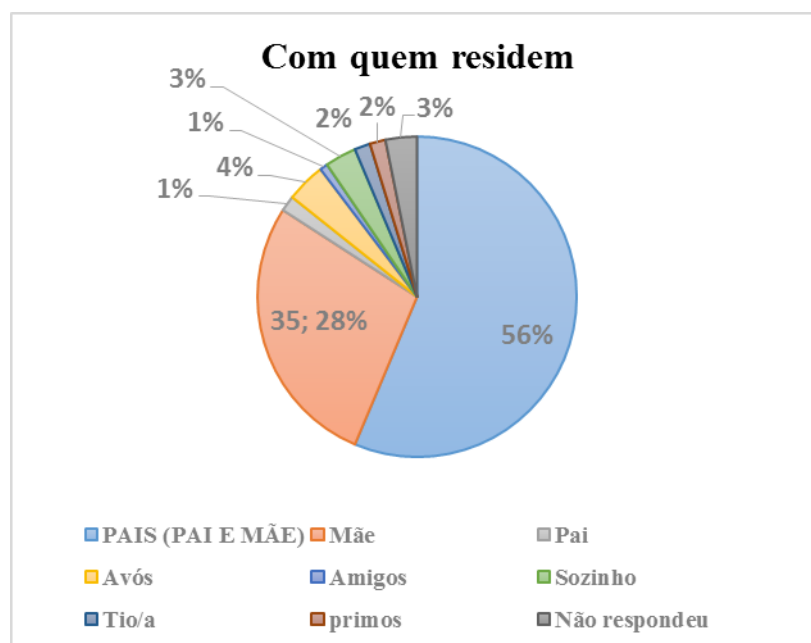
Fonte: Elaboração própria

O gráfico aponta que 91% dos estudantes residem em zona urbana, 6% na zona rural ou distrito e 3% não responderam. Este indicador ratifica que os estudantes dessa escola são marcadamente moradores da zona urbana, cujo percentual de apenas 6% residem na zonal rural ou distrito próximo a sede, cidade de Jacobina. Este dado nos revela ainda que a escola tem um contingente de estudantes cujo acesso aos bens e usufrutos culturais é grande e que o uso das

tecnologias e dispositivos móveis pelos mesmos pode indicar um dado favorável ao trabalho com as mídias digitais a favor das aprendizagens, utilizando também as redes sociais em que circulam de modo rápido e atualizado imagens, vídeos, músicas e áudios, que podem servir como textos deflagradores para o debate e a problematização da temática das sexualidades, considerando o aceitação, uso e facilidade dos estudantes com as tecnologias digitais de comunicação.

Com relação à moradia, 56% declaram residir com os pais, 35,28% declaram residir apenas com a mãe, 4% com os avós, 3% declaram morar apenas com o pai e 3% declaram morar sozinhos. Um dado que aponta novamente a questão de gênero é o percentual de estudantes que residem com os pais, que é maioria 52% e com as mães temos 35,28%, contra apenas 3% que moram com os pais. Ainda é delegado às mães, o papel de maternar, enquanto que paternar ainda é bastante ínfimo.

Gráfico 5- Com quem residem.

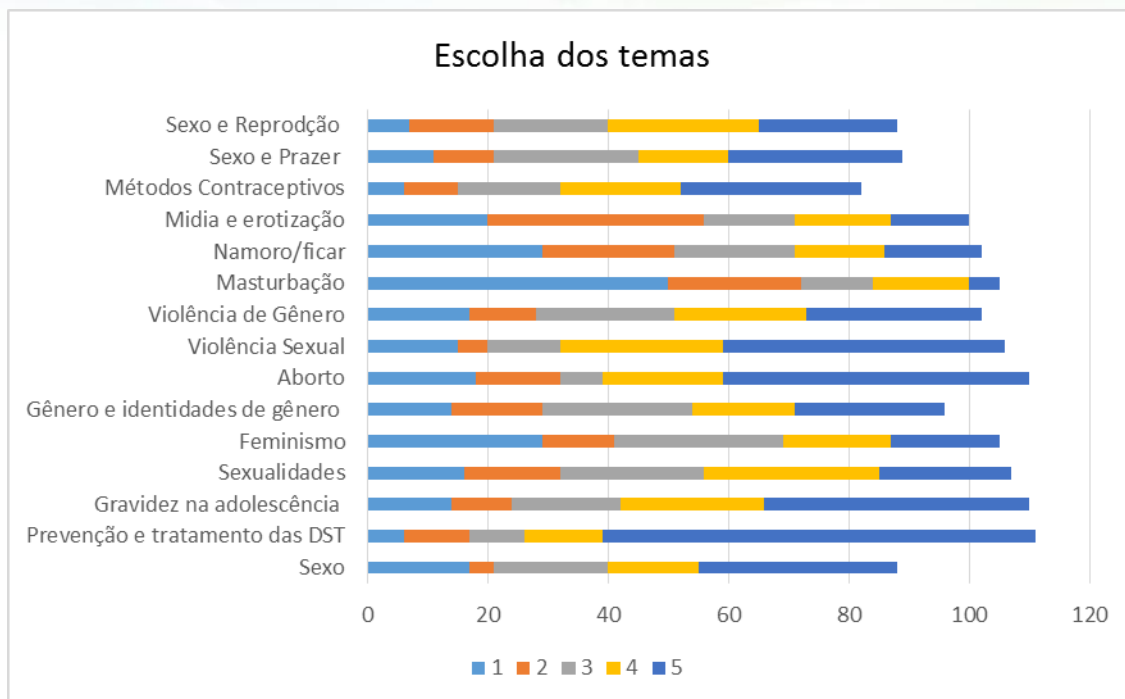


Fonte: Elaboração própria

Entre os temas elencados como sendo mais importantes pelos discentes destacamos os seguintes: Violência Sexual, aborto, prevenção e tratamento das DST, violência de gênero, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos, sexualidades (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade etc.) gênero e identidades de gênero, sexo e reprodução e sexo e prazer. Entre os temas elencados como sendo menos importantes elencamos os seguintes: Masturbação, mídia e erotização, namoro e ficar.

Gráfico 5- Escolha dos temas.





Fonte: Elaboração própria.

Observa-se então a predominância dos temas ligados à concepção “higienista” de sexualidade como a Prevenção e tratamento das DST e gravidez na adolescência reforçando assim que mesmo com uma presença não muito marcante essa concepção ainda se faz presente nos espaços escolares assim como é reforçado aqui, “apesar da força das concepções médico–higienistas não ser mais a mesma dos séculos XIX e XX, de uma forma ou de outra, elas ainda se mantêm presentes nos espaços escolares como forma de “prevenir” as DST/AIDS e a chamada ‘gravidez precoce’”. (TONELI, 2012, p.153)

Por outro lado, percebemos também uma presença marcante de temas marcados por tabus, preconceitos e equívocos como aborto, violência sexual e violência de gênero e sexualidades como sendo uma necessidade de debate no cotidiano da escola. A presença destes temas entre os mais importantes reforça o que apontam os PCN:

A discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura. (BRASIL, 1999, p.293)

Dentre os temas elencados como de menor relevância destacamos masturbação, namoro/ficar e mídia e erotização. Os temas Gênero e identidades de gênero e feminismos como temas que

apareceram de modo mais tímido, o que revela índices de como questões como essas produzem nos alunos uma baixa aceitação ou desconhecimento, o que já um dado revelador se considerarmos a pista para uma investigação mais qualificada em campo através dos ateliês de pesquisa em que poderão de modo livre e sem identificação, elaborarem questões para nossa caixa intitulada “papo cabeça” acerca do que não foi revelado neste instrumento de levantamento dos dados.

O feminismo e o conceito de gênero, portanto, surgem causando impacto social e político enorme para humanidade, pois vão questionar o status subjugado e inferior da mulher e do feminino[...] vão questionar os processos de dominação e as instituições sociais, como o estado, as leis, a família, as religiões, a escola, as mídias, os currículos etc. ... (FURLANI, 2016, p. 6)

Percebe-se então o caráter oponente que ainda vigora quanto às posições de dominação na sociedade atual, esses temas são forças motrizes de transformação das formas muitas de discriminação e violências gênero. Nesse sentido, adentrando ativamente no espaço e pessoalmente com os alunos foi realizado um ateliê de pesquisa com 54 alunos da supracitada série, nos foi oportunizado observar como questões envolvendo sexo, sexualidades e gênero causam impacto na vivência desses estudantes. Com a apresentação musical da música “Diversidade” de Lenine, apresentação da pesquisa, bate-papo inicial e a dinâmica da caixa de perguntas já citada, provou um euforia geral e questões diretas e sem máscaras sobre: sexo anal, tipos de relações, iniciação sexual.

O primeiro ponto a destacar é o desencontro ocorrido entre os resultados dos questionários e a experiência do ateliê, pois mesmo temas tabus como masturbação, iniciação sexual e sexualidades, sendo valorados como temas menos importantes ou quase não votados, tiveram muitos questionamentos levantados pelos discentes no momento do ateliê diziam respeito a esses temas. Do tema masturbação, recebemos 10 perguntas, escritas, iniciação sexual 8, e sexualidades (homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade) 7, sendo seguidas de gravidez na adolescência com 5 e doenças sexualmente transmissíveis com 4. Esses dados reforçam novamente o que propõe os PCN quanto a uma perspectiva democrática e pluralista do ato educativo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Diante desse breve panorama apresentado, observamos a necessidade do como educadores/as de sujeitos críticos, consciente e reflexivos pensarmos as questões relativas a educação sexual no mais como tabu e de caráter higienista, o que infelizmente ainda vem sendo

reforçada nos livros didáticos como apontam pesquisas realizadas, as quais facilmente identificamos numa busca no portal de teses e dissertações da CAPES . A busca por transgressão dessas fronteiras nos convoca a agir na mesma velocidade que nossos/nossas adolescentes e jovens ao acessarem conteúdos sobre temáticas variadas, pois conforme sinalizam as pedagogias culturais, o aprender não está mais retido na escola.

Paradoxalmente é a escola e na escola em que os discursos são reproduzidos legitimados e também (des)construídos a partir de uma prática pedagógica de fato emancipatória, cuja formação continuada no lócus da escola se faz essencial para a mudança diante do conhecimento. Em virtude das questões expostas, percebemos que a presença de temas ligados à concepção higienista reforça a influência do livro didático, ratifica o caráter biológico e reforçador da sexualidade ligada sexo/reprodução. Contudo, percebemos que houve transgressão e rompimento quando temas como aborto, violência de gênero, feminismos e sexualidades, configuram-se entre os temas elencados como relevantes.

Considerando que o paradigma dominante tem como marco referencial a ciência ocidental moderna, a qual é pautada no cartesianismo e no racionalismo positivista que, por séculos empenharam-se em omitir dos seus discursos diversos sujeitos de direitos como estratégia para a manutenção do poder. Para além dos demais elementos caracterizadores do cânon científico moderno (eurocentrismo e racismo), o androcentrismo (sexismo, misoginia e machismo) se sustentou e se sustenta ainda no processo de produção e difusão do conhecimento e, por conseguinte, todas as implicações dele advindas, permeadas por disputa de poder através do discurso nos suscita o debate e a desconstrução.

Ademais, para não concluir, mas marcar uma pausa e nos permitir novas ressonâncias, lembremos que estamos experienciando outras formas de produzir o conhecimento, já que vivenciamos na crise paradigmática uma emergência de novos olhares e enfoques epistemológicos, que aos poucos passam a influenciar tanto a formação como a prática docente e conseqüentemente a formação de professores/as pesquisadores/as em educação. A concepção de ciência que nos mobiliza vai de encontro ao paradigma da racionalidade da ciência moderna, tensionando a objetividade, esquadrinhamento e mensuração do fenômeno investigado. A ciência que defendemos é pautada numa prática social, política e cultural, entre outras, marcada pela sociedade em que se situa, e que reflete todas suas ambiguidades e contradições.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais/** Ensino Fundamental: Orientação sexual. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas estudos feministas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **ESTUDOS FEMINISTAS**. v.10, n.1, 2002. p.171-188. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em 24 abr.2017.

FURLANI, Jimena. "**Ideologia de Gênero**"? Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha. Versão Revisada 2016. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e Família, 09pp, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jimena.furlani>>. Acesso em: 31janeiro2016.

LOURO, Guacira. **Currículo, gênero e sexualidade**. São Paulo: DP&A, 2007.

RAGO, Margareth. Por uma educação libertária: o gênero na nova escola. In: BARBOSA, Raquel Leite Lazzari.(Org.) **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.p.479-490.

SILVA, T. T. da. **O currículo como fetiche** – a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; FILHO; Roberto Santos Teixeira. A abordagem da educação sexual nos livros didáticos de biologia. In: **Anais... II COLÓQUIO DOCÊNCIA E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: Políticas, práticas e formação** - 19 -21 maio, 2015. ISSN: 2358-0151. Salvador - BA.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. In JACÓ-VIVELA, AM., and SATO, L., (orgs). **Diálogos em Psicologia social**. Rio de Janeiro. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-157.

TORRES, M. A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. v. 1. 72 p.